

ERIK AXL SUND

A Garota-Corvo

Tradução do sueco

Carlos Rabelo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010, 2011, 2012 by Erik Axl Sund

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Kräkflickan, Hungerelden e Pythians Anvisningar

Foto de capa

Philomena Famulok

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Thaís Totino Richter

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sund, Erik Axl

A Garota-Corvo / Erik Axl Sund ; tradução Carlos Rabelo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original : Kräkflickan, Hungerelden e Pythians Anvisningar.

ISBN 978-85-359-2874-7

1. Ficção sueca I. Título.

17-01384

CDD-839.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura sueca 839.73

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*À memória de uma irmã, daqueles entre nós que
erraram e dos que perdoaram*

A escuridão envolve nossas vidas. Grande é nosso descontentamento inato — o que faz com que tantas sagas floresçam nas florestas escandinavas —, e a brasa sombria dos nossos corações arde voraz. Muitos são como carvoeiros de seu próprio coração; dando ouvido ao crepitar suave de sonhos mutilados.

Harry Martinson, *Nässlorna blomma* [Urtigas em flor]

PARTE I

O APARTAMENTO

tinha mais de cem anos, com paredes de pedra de um metro de espessura, de modo que talvez não precisasse isolá-las, mas ela preferia não correr nenhum risco.

À esquerda da sala de estar havia um cômodo que era usado como escritório e quarto de hóspedes, acompanhado por um banheiro e um closet espaçoso.

O quarto era perfeito, com uma só janela e ligado a um sótão vazio.

Não havia espaço para descuido ou incerteza.

Nada podia ser deixado ao acaso. O destino era um aliado perigoso e traiçoeiro. Às vezes um amigo, mas muitas vezes um inimigo imprevisível.

Ela arrastou os móveis da sala de jantar até a parede, liberando espaço.

Agora era só esperar.

Conforme combinado, quatro homens entregaram o isopor às dez horas. Três deles tinham por volta de cinquenta anos; o outro, no máximo vinte. Usava uma camiseta preta com duas bandeirolas suecas cruzadas na altura do peito, sob as palavras “minha pátria”, e tinha a cabeça raspada. No cotovelo, podia ser vista uma tatuagem de teia de aranha e nos pulsos um tribal.

Quando se viu sozinha, ela sentou no sofá e planejou o trabalho. Decidiu começar pelo chão, já que era o mais complicado. O casal de idosos que morava no andar de baixo podia ser quase surdo, mas era preciso ter cuidado.

Ela entrou no quarto.

O menino ainda dormia profundamente.

Tinha sido estranho quando o encontrara na estação de trem. Ele apenas estendeu a mão para ela, levantou e a seguiu sem que precisasse dizer nada.

Ela conseguiu o aprendiz que sempre procurara e o filho que não pudera ter.

Pôs a mão na testa do menino, sentiu que a febre tinha baixado e tomou seu pulso.

Tudo certo.

Ela tinha usado a dose exata de morfina.

Havia um tapete grosso e claro no escritório, que ela sempre considerara feio e anti-higiênico, mesmo que fosse gostoso pisar. Naquele momento, era exatamente do que precisava.

Com uma faca bem afiada, cortou o tapete e colocou os pedaços no chão.

O cheiro forte a deixou tonta, e foi obrigada a abrir a janela. Tinha três camadas de vidro e mais uma vidraça do lado de fora para isolamento acústico.

Era o destino sendo amigo.

O chão tomou o dia inteiro. Ela entrava no quarto regularmente para ver como o menino estava.

Quando terminou, cobriu todas as emendas com fita adesiva.

Nos três dias que se seguiram, ela se dedicou às paredes. Na sexta-feira, só faltava o teto, que tomou um pouco mais tempo, porque ela também usou tábuas.

Quando a cola secou, ela colocou cobertores velhos nas portas. Na da sala de estar, usou quatro camadas de isopor.

Arranjou um lençol velho e o esticou na única janela. O vão recebeu uma camada dupla de isolamento, para garantir. Então ela cobriu o chão e as paredes com uma lona à prova de água.

O trabalho fazia com que se perdesse em pensamentos. Quando observou o que havia realizado, ficou orgulhosa de si mesma.

O quarto foi aprimorado na semana seguinte. Ela comprou quatro rodinhas de borracha, um ferrolho, dez metros de fio elétrico, alguns metros de rodapé, uma luminária simples e uma caixa de lâmpadas. Também encomendou um jogo de halteres, pesos e uma bicicleta ergométrica.

Retirou todos os livros de uma das estantes da sala de estar, virou-a de lado e parafusou as rodinhas em cada pé, então pregou o rodapé na frente, ocultando-as. Posicionou a estante diante da porta do quarto, escondendo-o.

Parafusou a estante e experimentou abri-la.

A porta deslizou silenciosamente sobre as pequenas rodas, funcionando com perfeição. Ela instalou o ferrolho, fechou a porta e pôs uma luminária na frente da tranca, para escondê-la.

Por fim, pôs de volta os livros e pegou o colchão fino de uma das camas do quarto em que dormia.

À noite, carregou o menino adormecido para seu novo lar.

GAMLA ENSKEDE, CASA DOS KIHMBERG

O estranho não era o menino estar morto, e sim ter sobrevivido tanto tempo, como se algo o tivesse mantido preso à vida. Uma pessoa normal já teria desistido bem antes.

A detetive superintendente Jeanette Kihlberg não sabia de nada disso enquanto tirava o carro da garagem de casa. Ela ainda não havia sido informada sobre o primeiro de uma série de acontecimentos que teriam uma influência decisiva sobre sua vida.

Jeanette viu Åke na janela da cozinha e acenou. Ele estava falando ao telefone e não a viu. Åke ia usar a tarde para lavar o fardo semanal de camisas suadas, meias sujas de lama e roupas de baixo. Com um filho fanático por futebol, ao menos cinco vezes por semana tinha que sobrecarregar a velha máquina de lavar roupa, quase a ponto de quebrá-la.

Jeanette sabia que ele deixaria a máquina ligada e subiria até o pequeno ateliê no sótão para trabalhar em uma de suas pinturas a óleo. Ele era um romântico, um sonhador, tendo dificuldade em concluir o que começava. Jeanette o havia aconselhado diversas vezes a entrar em contato com os donos de galeria que haviam demonstrado interesse por seu trabalho. Mas Åke sempre recusava, dizendo que não estava pronto. Em breve talvez.

Então tudo ia mudar.

Ele ia se tornar um sucesso, ia chover dinheiro e eles poderiam enfim fazer tudo o que queriam. De consertar a casa até viajar para onde quisessem.

Depois de quase vinte anos, ela começava a duvidar que aquilo fosse acontecer um dia.

Quando ela virou na rua Nynäsvägen, escutou um ruído preocupante na roda esquerda da frente. Apesar de não entender nada de carro, percebeu que alguma coisa não estava certa com o velho Audi e que teria que deixá-lo na oficina de novo. Por experiência, sabia que ia ter que desembolsar algum dinheiro, embora o sérvio que trabalhava em Bolidenplan fosse competente e barateiro.

No dia anterior, ela tinha esvaziado a poupança para pagar a última prestação da casa, que chegava com sádica pontualidade uma vez por trimestre. Ela esperava conseguir pagar o conserto com o cartão de crédito. Já tinha dado certa outra vez.

Uma forte vibração no bolso do casaco, que vinha com a *Nona sinfonia* de Beethoven, assustou Jeanette a ponto de quase sair com o carro da pista.

— Kihlberg falando.

— E aí, Janne? Tem uma coisa pra gente em Thorildsplan.

Ela reconheceu a voz de seu colega Jens Hurtig.

— Temos que ir agora. Onde você está?

A voz estridente ao telefone a obrigou a afastar o aparelho do ouvido. Ela odiava ser chamada de “Janne”, e sentiu a irritação crescer. O apelido nasceu como uma piada, três anos antes, em uma festa no trabalho, mas desde então se espalhara por toda a polícia de Kungsholmen.

— Estou passando por Årsta e agora vou subir a Essingeleden. O que aconteceu?

— Encontraram um menino morto nuns arbustos perto do metrô da Faculdade de Pedagogia. Billing quer que você vá pra lá o mais rápido possível. Ele estava bem agitado. Tudo indica que foi assassinato.

Jeanette Kihlberg percebeu que o barulho no carro só aumentava. Imaginou se teria que encostar o carro, telefonar para o guincho e depois pedir para alguém ir buscá-la.

— Se esse maldito carro não quebrar, chego em cinco, dez minutos. Vá pra lá você também.

O ruído aumentou. Por via das dúvidas, ela passou para a pista da direita.

— Está bem, já estou indo. Devo chegar antes de você.

A notícia do menino morto encontrado nos arbustos soou aos ouvidos de Jeanette mais como um caso de agressão que saiu de controle. Nesse caso, seria homicídio culposo.

“Assassinato”, pensou ela, sentindo o volante tremer, “é quando uma mulher é morta em sua casa pelo marido depois de dizer que queria o divórcio.”

Pelo menos nos casos mais comuns.

Mas o fato era que os tempos haviam mudado, e o que ela um dia aprendera no treinamento policial não estava apenas ultrapassado, mas também equivocados. A metodologia tinha se transformado, e o trabalho policial era, em vários aspectos, bem mais difícil do que vinte anos antes.

Jeanette lembrou seus primeiros dias de patrulha e a proximidade com as pessoas comuns. A comunidade ajudava a polícia e confiava nela. “O único motivo pelo qual as pessoas ainda denunciam os crimes”, pensou, “é porque as seguradoras exigem isso. Não por ter esperança de que sejam solucionados.”

O que ela esperava quando largara a faculdade de serviço social e tomara a decisão de se tornar policial? Mudar alguma coisa? Ajudar alguém? Pelo menos foi o que ela disse ao pai no dia em que mostrou com orgulho a carta de aprovação. Sim, aquele era o motivo. Ela queria ficar entre os que sofrem o mal e os que o praticam. Queria ser alguém que fazia a diferença.

E como policial tinha essa possibilidade.

Durante sua infância, Jeanette escutava, com admiração, seu pai e avô falarem do trabalho policial. Nos jantares e festas só se falava de assaltantes de banco inescrupulosos, batedores de carteira e vigaristas. Histórias e lembranças do lado sombrio da existência.

Do mesmo modo que o aroma de pernil assado inundava a casa de expectativa

no Natal, o som de fundo das conversas entre os homens na sala de estar criava um cenário de segurança.

Ela sorria, lembrando-se do desinteresse e ceticismo do avô quanto ao uso de novas técnicas. As algemas haviam sido substituídas por braçadeiras, para simplificar o trabalho. Uma vez, ele disse que as análises de DNA eram uma moda passageira.

“Essa profissão é pra quem quer fazer a diferença”, pensou ela. “Não pra quem está atrás de soluções fáceis. O trabalho deve se adaptar às condições da sociedade em transformação.”

Jeanette acreditava que ser policial era ajudar os outros, dar valor às pessoas. E não ficar sentado dentro de uma van blindada, olhando impotente através do vidro filmado.

O AEROPORTO

estava tão cinza e frio quanto a manhã de inverno. Ele chegou num voo da Air China a um país de que nunca tinha ouvido falar. Sabia que centenas de crianças antes dele tinham feito a mesma viagem e, como elas, tinha uma história bem ensaiada para contar aos policiais na imigração.

Sem hesitar, apresentou a narrativa que durante meses repetira até decorar.

Ele trabalhara na construção de uma das arenas olímpicas, carregando tijolos. Quando seu tio, um pobre trabalhador, sofreu um acidente e teve que ser hospitalizado, não tinha mais ninguém que pudesse tomar conta dele. Seus pais tinham morrido, e ele não tinha irmãos ou outros familiares a quem recorrer.

Contou ao agente da imigração que ele e seu tio eram tratados como escravos, num regime próximo ao do apartheid. Disse que trabalhara na obra por cinco meses.

De acordo com o antigo sistema hukou, ele havia sido registrado na vila em que nascera, longe da cidade, e, portanto, quase não tinha direitos no lugar onde morava e trabalhava.

Por esse motivo fora obrigado a se mudar para a Suécia, onde viviam seus únicos parentes vivos. Ele não sabia onde moravam, mas, segundo seu tio, tinham prometido entrar em contato assim que aterrissasse.

Ele chegou ao novo país sem nada a não ser a roupa do corpo, um celular e cinquenta dólares. Ele disse que não sabia o número do celular, e não havia nenhuma mensagem ou foto ali que pudesse fornecer alguma pista.

Era novo e nunca tinha sido usado.

Ele não revelou para a polícia outro número de telefone, que estava num papelzinho escondido dentro do sapato esquerdo. Ligaria para ele assim que conseguisse fugir do abrigo.

O país em que estava não se parecia nem um pouco com a China. Ali, tudo era limpo e vazio. Quando a entrevista terminou, ele atravessou o corredor deserto do aeroporto escoltado por dois policiais, imaginando se toda a Europa era daquele jeito.

O homem que inventara aquela história e lhe dera um telefone, dinheiro e celular contara como nos últimos quatro anos tinha mandado, com sucesso, mais de setenta crianças para diferentes partes da Europa.

Ele disse que a maioria dos contatos estava na Bélgica, um país onde se podia ganhar muito dinheiro. O trabalho consistia em servir pessoas ricas. Sendo discreto e dedicado, era possível ficar rico também. Mas a Bélgica era arriscada.

Não se podia sair de casa nunca, para não ser visto.

A Suécia era mais segura. Lá era possível trabalhar em restaurantes e caminhar livremente. O dinheiro não era tanto, mas, com sorte, dependendo dos serviços que se realizava, era possível se dar bem. As pessoas na Suécia querem a mesma coisa que as pessoas na Bélgica.

O ABRIGO

não ficava muito longe do aeroporto, e ele foi levado para lá em um carro comum. Passou a noite lá, dividindo o quarto com um menino negro que não falava chinês ou inglês.

O colchão estava limpo, mas cheirava a velho.

No dia seguinte, ele ligou para o número anotado. Uma voz de mulher explicou como chegar até a estação e pegar o trem para Estocolmo. Ao chegar, ele deveria ligar para receber novas instruções.

O TREM

era quente e confortável. Veloz e silencioso, conduziu-o através de uma cidade coberta pela neve. Por acaso, ou por obra do destino, ele acabou não indo até a estação Centralen de Estocolmo.

Depois de algumas paradas, uma mulher loira e bem bonita se sentou à sua frente. Ela o observou por um bom tempo, como quem compreendia que estava sozinho. Não apenas no trem, mas no mundo.

Quando o trem chegou à estação seguinte, ela se levantou e pegou a mão dele, indicando a saída com a cabeça. Ele a seguiu, como se estivesse em transe.

Os dois pegaram um táxi. Ele viu que a cidade era cercada de água e achou aquilo lindo. Não tinha tanto trânsito como em sua terra natal. Era mais limpo e mais fácil de respirar ali.

Ele pensou no destino e no acaso, e se perguntou por que estava ali sentado ao lado dela. Quando a mulher virou e sorriu, não pensou em mais nada.

No seu país, todos costumavam perguntar o que ele sabia fazer, apertando seu braço para sentir se era forte o bastante. Faziam perguntas que ele fingia entender. Sempre duvidavam. Mas, às vezes, ele era escolhido. Ela o escolhera sem que fizesse nada, o que nunca acontecera antes.

O QUARTO

para o qual ela o conduziu era branco, com uma cama grande. Ela fez com que se deitasse e deu uma bebida quente a ele. Parecia o chá de seu país, e ele adormeceu antes mesmo de terminar de tomar.

Quando acordou, não sabia quanto tempo tinha passado, mas percebeu que estava em outro quarto, sem janela e todo forrado.

Ele levantou e descobriu que o chão era macio e irregular. Tentou girar a maçaneta, mas a porta estava trancada. Suas roupas e o celular tinham sido levados.

Percebeu que estava nu. Deitou assim mesmo e adormeceu novamente.

Aquele quarto seria seu novo mundo.

ESTAÇÃO DE METRÔ THORILDSPLAN

Jeanette sentia o volante puxando para a direita, de modo que ficava difícil manter o carro na pista. Os últimos quilômetros foram percorridos a menos de sessenta quilômetros por hora. Quando ela virou na rua Drottningholmsvägen em direção à estação de metrô, percebeu que o carro tinha dado tudo o que podia dar em seus quinze anos.

Ela estacionou, caminhou em direção à fita de isolamento e encontrou Hurtig. Sua cabeça despontava acima das outras. Ele era o típico escandinavo, loiro, alto e elegante.

Em quatro anos trabalhando juntos, Jeanette tinha aprendido a interpretar sua linguagem corporal.

Ele parecia preocupado. Quase aflito.

Quando a viu, seu rosto se alegrou. Ele foi ao seu encontro e ergueu a fita de isolamento.

— Então o carro aguentou — ele disse sorrindo. — Não entendo por que você ainda dirige aquela lata velha.

— Nem eu. Se tivesse um aumento, poderia passear por aí de Mercedes.

“Se Åke arranjasse um trabalho decente, com um salário decente, eu poderia ter um carro decente”, pensou ela, entrando na área isolada.

— Marcas de pneu? — Jeanette perguntou a uma perita, que estava agachada no asfalto.

— Sim, marcas diferentes — ela respondeu, levantando o rosto. — De um caminhão de lixo e de uma roda menor.

Jeanette era a pessoa com o cargo mais alto no local do crime, sendo considerada formalmente responsável pela investigação.

Mais tarde, ela teria que se reportar ao seu superior, o chefe de polícia Dennis Billing, que por sua vez informaria o promotor Von Kwist. Juntos os dois decidiriam o que deveria ser feito, mesmo que ela discordasse. Era assim que funcionava.

Jeanette virou para Hurtig.

— Vamos lá. Quem o encontrou?

Hurtig encolheu os ombros.

— Não sabemos.

— Como assim?

— A central recebeu um telefonema anônimo, há mais ou menos... — ele conferiu o relógio — três horas. Um homem disse que tinha um menino morto na entrada do metrô. E só.

— A ligação foi gravada?

— É claro.

— E por que só fomos informados agora?

Jeanette sentiu uma pontada de irritação.

— A central mandou um carro para Bolidenplan, em vez de Thorildsplan, por engano.

— Já rastrearam a chamada?

Hurtig franziu a testa.

— Número bloqueado.

— Merda.

— Mas logo vamos saber de onde a ligação foi feita.

— Muito bem. Depois a gente escuta a gravação. Testemunhas? Alguém viu ou ouviu alguma coisa? — Jeanette perguntou com autoridade, olhando em volta. Seus subordinados apenas negaram com a cabeça.

— Alguém trouxe o menino pra cá — disse Jeanette, tentando não desanimar. Ela sabia que o trabalho se dificultaria bastante caso não conseguissem nenhuma pista nas próximas horas. — Ninguém carrega um cadáver no metrô, mas quero ver as imagens das câmeras de segurança mesmo assim.

Hurtig foi até ela.

— Já foram buscar. Mais tarde a gente vê.

— Ótimo. O corpo pode ter sido trazido de carro, então quero a lista de todos os motoristas que passaram pelo pedágio.

— Entendido. Vou providenciar — disse Hurtig, afastando-se com o celular na mão.

— Espere. Não terminei ainda. O corpo também pode ter sido carregado até aqui por alguém usando uma bicicleta ou coisa parecida. Pergunte na faculdade se eles têm câmeras de segurança.

Hurtig fez que sim com a cabeça e foi embora.

Jeanette suspirou, virando para uma perita que examinava a grama.

— Algo de estranho?

Ela sacudiu a cabeça.

— Ainda não, só algumas pegadas. Vamos recolher as que estiverem em melhores condições. Mas não espere muita coisa.

Jeanette se aproximou lentamente do arbusto onde a vítima havia sido encontrada, envolta em sacos de lixo. O menino estava nu, enrijecido numa posição sentada, com os braços em volta dos joelhos. As mãos estavam presas com fita isolante. Sua pele havia adquirido uma tonalidade amarelo-escuro e uma textura de couro, lembrando um pergaminho.

No entanto, suas mãos estavam quase pretas.

— Algum indício de violência sexual? — perguntou Jeanette, virando-se para Ivo Andrić, que estava agachado.

Ele era especialista em casos de assassinato incomuns e brutais.

A polícia o havia chamado aquela manhã. Como não queriam manter a entrada da estação de metrô isolada por mais tempo que o necessário, Ivo tinha que trabalhar rapidamente.

— Ainda não dá para dizer com certeza. Mas não podemos excluir essa possibilidade. Não quero tirar conclusões precipitadas, mas esse tipo de agressão extrema sem qualquer traço de violência sexual é bastante incomum.

Jeanette concordou. Ela se aproximou mais um pouco e notou que o menino parecia estrangeiro. Árabe, palestino, indiano ou paquistanês.

O cadáver estava a poucos metros da entrada da estação de metrô, de modo que não poderia ter permanecido muito tempo sem ter sido visto.

A polícia havia tentado ocultar o local com uma lona, mas o terreno era irregular, por isso era possível ver a cena do crime do alto a certa distância. Fotógrafos com grandes objetivas perambulavam por ali, e Jeanette quase sentiu pena deles. Viviam em função do rádio da polícia, ouvindo-o vinte e quatro horas por dia à espera de algum evento espetacular.

No entanto, ela não viu nenhum jornalista. Os jornais não deviam mais ter condições de mandar alguém.

— Ei, Andrić! — disse um dos policiais, sacudindo a cabeça. — Como uma porra dessas foi acontecer?

O corpo estava em grande parte mumificado, o que para Ivo Andrić indicava que havia sido mantido em um lugar muito seco durante um longo período de tempo, protegido do inverno úmido de Estocolmo.

— Pois, é, Schwarz — ele respondeu, olhando para cima. — É isso que vamos tentar descobrir.

— O garoto parece um faraó. Uma merda dessas não acontece da noite pro dia.

Ivo Andrić concordou com a cabeça. Ele era um homem endurecido. Nascera na Bósnia e trabalhara como médico em Sarajevo, durante os quase quatro anos de cerco. Testemunhara coisas terríveis, mas durante toda a sua longa e acidentada carreira nunca vira nada como aquilo.

Não havia dúvida de que o menino tinha sido severamente agredido. No entanto, não se viam os típicos ferimentos de autodefesa. Todos os hematomas pareciam com os de um boxeador que aguentou doze rounds antes de ir a nocaute.

O menino tinha centenas de marcas nos braços e no tronco, bem mais do que no resto do corpo. Observando seus punhos calejados, podia-se inferir que ele não apenas recebera, mas também desferira uma quantidade considerável de golpes.

O fato mais perturbador, no entanto, era que o órgão genital havia sido removido.

Ivo Andrić reparou que a mutilação fora realizada com uma lâmina bem afiada, como a de um bisturi ou uma navalha. Nas costas do menino, encontrou feridas profundas, que poderiam ter sido produzidas por um chicote.

Ele tentou visualizar o que havia acontecido. O menino havia lutado por sua vida e, quando desistira, alguém o chicoteara. Andrić sabia que imigrantes promoviam rinhas de cães clandestinas na periferia. Talvez se tratasse daquilo, com a diferença substancial de não ser cães lutando pela vida, e sim meninos.

Ou ao menos um menino, já que seus adversários eram desconhecidos.

Além disso, o menino tinha sobrevivido por muito mais tempo do que se julgaria possível. Talvez a autópsia revelasse indícios de droga como flunitrazepam ou mesmo fenilciclidina. Ivo Andrić compreendeu que seu trabalho só começaria de fato após o corpo ser enviado ao legista do hospital Karolinska, em Solna.

Ao meio-dia, o corpo foi colocado no saco cinza e levado de van até Solna. O trabalho de Jeanette Kihlberg no local tinha terminado e agora ela devia se apresentar em Kungsholmen. Quando caminhava em direção ao estacionamento, começou a garoar.

— Ah, merda! — exclamou ela em voz alta. Åhlund, um de seus colegas mais jovens, virou com olhar indagador. — Meu carro. Eu tinha esquecido. Quebrou no caminho. Vou ter que ligar para o guincho.

— Onde ele está? — Åhlund perguntou.

— Bem ali — disse ela, apontando para o Audi vermelho, sujo e enferrujado vinte metros à frente. — Você entende do assunto?

— É um hobby. Não tem carro que eu não saiba consertar. Me dê a chave, vou descobrir o que tem de errado com ele.

Åhlund deu a partida e saiu dirigindo. O barulho parecia ainda mais forte do lado de fora. Ela se deu conta de que teria que ligar para seu pai e pedir dinheiro emprestado. Ele perguntaria se Åke estava trabalhando e ela teria de explicar que não era fácil ser artista, mas logo as coisas mudariam.

Era sempre a mesma coisa. Ela tinha que servir como um escudo para Åke.

“Podia ser tão mais simples”, pensou Jeanette. Se o marido engolisse o orgulho e arrumasse um emprego temporário, pelo menos para demonstrar que sabia que ela tinha dificuldade para dormir nos dias que antecediam o vencimento das contas.

Após uma rápida volta no quarteirão, Åhlund saiu do carro com um sorriso triunfante.

— O problema é no eixo de direção, no pivô ou nos dois juntos. Se deixar o carro comigo, começo a trabalhar nele hoje à noite. Acho que consigo devolver em uns dois dias. Você compra as peças e uma garrafa de uísque para mim. Fechado?

— Você é um anjo, Åhlund. Pode levar e fazer o que for preciso. Se você conseguir dar um jeito nesse carro, vai ganhar duas garrafas e uma bela recomendação minha, quando precisar.

Enquanto se dirigia à van da polícia, pensava: “Ah, o espírito corporativo!”.

KVARTERET KRONOBERG, DELEGACIA DE POLÍCIA

Na primeira reunião, Jeanette dividiu as tarefas.

Um grupo de policiais novatos passou a tarde batendo em todas as portas da região para tentar obter alguma informação.

Schwarz recebeu o ingrato trabalho de conferir a longa lista de carros que passaram pelo pedágio, enquanto Åhlund examinava os vídeos das câmeras de segurança da faculdade e do metrô.

Jeanette não gostava nem um pouco dessa parte monótona da investigação, que em geral ficava com os menos experientes.

A prioridade era determinar a identidade do menino, e Hurtig ficou encarregado de entrar em contato com os abrigos de refugiados na região de Estocolmo. A própria Jeanette falaria com Ivo Andrić.

Após a reunião, ela voltou para sua sala e ligou para casa. Já passava das seis horas e era sua vez de preparar o jantar.

— Oi! Como foi seu dia? — disse, esforçando-se para soar alegre.

Ela e o marido procuravam dividir as tarefas da casa: ele tomava conta da roupa e ela varria. Eles se alternavam na cozinha, e seu filho, Johan, ajudava. Mas era Jeanette quem arcava com as despesas.

— Tudo bem por aqui. Terminei de lavar a roupa há uma hora mais ou menos. Johan acabou de chegar e disse que você prometeu dar uma carona para o jogo de hoje à noite. Vai conseguir?

— Não — ela respondeu com um suspiro. — O carro quebrou. Ele pode ir de bicicleta, não é tão longe assim. — Jeanette deixou o olhar vagar até a foto da família fixada no quadro de aviso. Johan parecia tão pequeno. Ela mal tinha coragem de olhar para si própria. — Vou ter que ficar mais algumas horas aqui, depois volto pra casa de metrô, se não conseguir uma carona. Você tem dinheiro pra pedir uma pizza?

— Acho que sim — murmurou Åke. — Deve ter alguma coisa no pote também.

Jeanette pensou por um instante e confirmou:

— Pus uma nota de cem ontem, pode pegar. Até mais tarde.

Åke não respondeu. Ela pôs o telefone no gancho e se recostou na cadeira.

Cinco minutos de descanso.

Então fechou os olhos.

Hurtig entrou na sala de Jeanette com a gravação da chamada anônima recebida pela central naquela manhã. Ele estendeu o CD e sentou.

Jeanette esfregou os olhos:

— Falou com quem achou o menino?

— Falei. Segundo o relatório, chegaram ao local duas horas depois da ligação.

Como eu disse, demorou um pouco, porque a central passou o endereço errado.

Jeanette pôs o CD no computador.

A chamada durava vinte segundos.

— *Central de polícia.*

Em seguida, ouvia-se um ruído, mas nenhuma voz.

— *Alô? Tem alguém aí?*

A telefonista ficou aguardando, então deu para ouvir alguém na linha com a respiração tensa.

— *Só quero dizer que tem um menino morto nos arbustos ao lado da Thorildsplan.*

A voz do homem estava arrastada. Jeanette notou que parecia alterado. Álcool ou drogas.

— *Como você se chama?* — perguntou a telefonista.

— *Não importa. Entendeu o que eu disse?*

— *Sim, há um cadáver em Bolidenplan.*

O homem pareceu se irritar.

— *Há um cadáver nos arbustos na entrada da estação Thorildsplan.*

Então ele desligou e ouviu-se apenas a voz hesitante da telefonista:

— *Alô?*

Jeanette franziu a testa:

— Não precisa ser nenhum Einstein para perceber que a ligação foi feita de um lugar próximo à estação de metrô, não é?

— Claro, a não ser que...

— A não ser que o quê? — Ela percebeu o tom de irritação na própria voz. Tinha esperança de que a gravação respondesse a algumas perguntas ao menos, de que lhe desse qualquer coisa para apresentar ao chefe de polícia e ao promotor.

— Desculpe — disse, mas Hurtig só encolheu os ombros.

— Vamos continuar amanhã cedo. — Ele levantou e foi até a porta. — É melhor você ir pra casa, ver sua família.

Jeanette sorriu agradecida.

— A gente se vê amanhã. Boa noite.

Quando Hurtig fechou a porta, ela ligou para seu superior, Dennis Billing, que atendeu depois de quatro toques.

Jeanette contou sobre o menino mumificado e a ligação anônima, fazendo um resumo de tudo o que acontecera durante a tarde e a noite.

Mas ela não tinha nenhuma resposta.

— Vamos ver o que descobrimos na vizinhança e esperar as conclusões de Ivo Andrić. Hurtig está em contato com a divisão de crimes hediondos... Enfim, o de sempre.

— Como você sabe, é melhor para nós dois que essa história seja resolvida o quanto antes.

Jeanette tinha dificuldade em lidar com a condescendência de Billing. Sabia que o chefe a tratava daquele jeito só pelo fato de ser mulher. Ele foi contra sua promoção a superintendente. Com o apoio informal do promotor Von Kwist, sugerira outro nome — de um homem, claro.

Apesar de sua oposição declarada, Jeanette ficou com o cargo, mas a relação dos dois já estava condenada.

— É evidente que vamos fazer todo o possível. Ligo amanhã quando tivermos mais informações.

Dennis Billing limpou a garganta e disse:

— Preciso falar com você sobre outro assunto.

— O que foi?

— Na verdade, é confidencial, mas não precisamos seguir a regra ao pé da letra. Vou precisar emprestar sua equipe.

— Impossível.

— É apenas por um dia, a partir de amanhã à noite. Depois todos voltam para você. Infelizmente, é necessário.

Jeanette se sentiu impotente e cansada demais para protestar.

Dennis Billing continuou:

— Mikkelsen precisa de assistência. Vai haver uma operação para prender suspeitos de pedofilia e ele precisa de mais gente. Já falei com Hurtig, Åhlund e Schwarz. Vão trabalhar normalmente amanhã e depois se apresentar a Mikkelsen. É isso.

Jeanette sabia que não adiantava falar nada.

MARIATORGET, CONSULTÓRIO DE SOFIA ZETTERLUND

No fim do sangrento século XVIII, o rei Adolf Fredrik deu seu nome ao que hoje é o parque Mariatorget, na condição de que não fosse usado para execuções públicas. Depois disso, não menos que cento e quarenta e oito pessoas perderam a vida lá, em situações mais ou menos análogas à de uma execução.

Algumas dessas execuções ocorreram a menos de vinte metros de onde Sofia Zetterlund mantinha seu consultório de psicoterapia, no último andar de um velho edifício na rua Sankt Paulsgatan, ao lado do Tvåpalatset. Os três apartamentos re-

sidenciais haviam sido remodelados para abrigar seis salas comerciais, que estavam alugadas para dois dentistas, um cirurgião plástico, um advogado, Sofia e mais um psicólogo.

A decoração na sala de espera compartilhada era fria e modernista. Um designer de interiores comprou dois grandes quadros de Adam Diesel-Frank, com as mesmas nuances de cinza do sofá e das duas poltronas.

Num canto da sala, ficava uma escultura em bronze da artista alemã Nadya Ushakova. A obra representava um grande vaso de rosas, algumas delas murchas. Ao redor de um dos caules havia um cartão com a frase *Die mythen sind greifbar*.

Quando a escultura foi colocada ali, discutiu-se o significado da citação, sem sucesso.

Os mitos são palpáveis.

Juntos, as paredes brancas, o tapete caro e as obras de arte originais davam um ar de discrição e dinheiro ao conjunto de salas.

Após muitas entrevistas, os profissionais contrataram Ann-Britt Eriksson, ex-secretária de um médico, como recepcionista geral. Ela deveria marcar horários e cuidar da parte administrativa.

— Alguma novidade? — perguntou Sofia Zetterlund quando chegou às oito horas em ponto, como sempre.

Ann-Britt tirou os olhos do jornal aberto sobre a mesa.

— Ligaram do hospital de Huddinge pedindo para antecipar a reunião sobre Tyra Mäkelä para as onze. Eu disse que você ligaria de volta para confirmar.

— Obrigada. Mais alguma coisa? — perguntou Sofia, já seguindo em direção à sua sala.

— Sim — respondeu Ann-Britt. — Mikael acabou de ligar dizendo que não vai conseguir pegar o voo da tarde e só chega a Estocolmo amanhã cedo. Ele pediu para você dormir no apartamento dele. Assim podem se ver pela manhã.

Sofia parou com a mão na porta.

— Hum. Qual é o meu primeiro horário? — Ela ficou irritada por ter de mudar sua agenda. Tinha pensado em surpreender Mikael com um jantar italiano. Como sempre, ele atrapalhou seus planos.

— Às nove horas. Você tem mais duas consultas à tarde.

— Quem vem primeiro?

— Carolina Glanz. Segundo o jornal, ela conseguiu um trabalho como apresentadora de televisão e vai viajar o mundo entrevistando celebridades. Não é incrível?

Ann-Britt sacudiu a cabeça e suspirou profundamente.

Carolina Glanz despontou para a fama com estardalhaço em um dos muitos reality shows que entupiam a televisão. Na verdade, ela não tinha boa voz, mas de acordo com o júri, era uma estrela. Durante o inverno e a primavera, fez uma turnê por pequenas casas noturnas, apresentando com playback uma música gravada por

outra cantora, menos bonita e de voz mais potente. Carolina foi bastante exposta pelos tabloides, e um escândalo se seguiu ao outro.

Quando o interesse da mídia se voltou em outra direção, ela começou a questionar a si mesma e à sua carreira.

Sofia não gostava de orientar subcelebridades. Tinha dificuldade em se sentir motivada para essas sessões, mesmo que fossem interessantes em termos econômicos. Era como se estivesse desperdiçando seu tempo, enquanto poderia estar atendendo pacientes que realmente necessitavam de ajuda.

Ela queria lidar com gente de verdade.

A psicóloga sentou-se à mesa e telefonou para o hospital de Huddinge. A mudança de horário a deixava com pouco menos de uma hora para se preparar. Depois do telefonema, ela apanhou o material que tinha acerca de Tyra Mäkelä. Chegava a quinhentas páginas, e ela sabia que aquela pilha de papel pelo menos dobraria de tamanho até o caso estar encerrado.

Tinha lido o parecer duas vezes, da capa ao verso, e agora se concentraria no aspecto central: a condição psíquica de Tyra Mäkelä.

O psiquiatra, que conduziu o trabalho, recomendou o encarceramento, assim como o conselheiro e um dos psicólogos. No entanto, dois outros psicólogos se opuseram, defendendo a custódia. Sofia estava encarregada de unir o grupo em torno de uma decisão final e sabia que não seria fácil.

Tyra Mäkelä tinha sido condenada com o marido pelo assassinato do filho adotivo de onze anos. O menino fora diagnosticado com a síndrome do X frágil, que se caracterizava por sintomas tanto físicos quanto psíquicos. As provas mostravam claramente a crueldade a que o menino, que vivia com a família numa casa isolada no campo, fora submetido. Havia traços de fezes nos pulmões e no estômago, quemaduras de cigarro e marcas de agressões feitas com uma mangueira de aspirador de pó.

O corpo fora achado na floresta, não muito longe da casa.

O caso gerou comoção, ainda mais pelo envolvimento da mãe. A opinião pública, quase unânime, conduzida pela retórica de políticos e jornalistas, exigia a mais severa punição. Tyra Mäkelä tinha que ser mandada para o presídio de Hinseberg e cumprir uma longa pena.

Sofia sabia que a custódia psiquiátrica significava que o condenado, em geral, permaneceria mais tempo isolado do que cumprindo pena.

Tyra Mäkelä era psicologicamente responsável quando cometeu o crime? O inquérito determinava que haviam sido ao menos três anos de torturas.

Problemas reais de pessoas reais.

Ela anotou algumas questões que queria discutir com a condenada, mas foi afastada de seus pensamentos quando Carolina Glanz entrou na sala com botas vermelhas até a coxa, uma minissaia de vinil e uma jaqueta de couro preta.